

LILI É DIFERENTE: VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA SAGA D'A PORQUINHA DE RABO ESTICADINHO, DE RUBEM ALVES¹

Terezinha Richartz²

RESUMO: Ser aceito em uma sociedade marcada por estigmas e preconceitos é um processo árduo para toda pessoa que nasce fora do padrão de “normalidade.” Rubem Alves apresenta, através do romance *A porquinha de rabo esticadinho*, as dificuldades de a personagem ser aceita pelos outros e por si mesma, já que o padrão de normalidade foi introjetado, através das práticas sociais sedimentadas. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar como a violência simbólica, a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu, perpassa o enredo, através das diversas tentativas de modificar a porquinha diferente. O presente trabalho aponta para os problemas que a sociedade apresenta em aceitar a diferença. Por outro lado, há também a incorporação dessa exclusão como legítima pelo deficiente. As consequências são a discriminação social e a negação da deficiência por quem nasce diferente.

PALAVRAS-CHAVE: *A porquinha de rabo esticadinho*; Rubem Alves; Deficiência; Preconceito.

ABSTRACT: Being accepted in a society marked by stigmas and prejudices is an arduous process for every person born out of the standard of "normality." Rubem Alves presents, through the novel *The little pig with the taut tail*, the difficulties of the character being accepted by others and by itself, since the standard of normality was introjected, through sedimented social practices. Therefore, the objective of this article is to analyze how the symbolic violence, from the perspective of Pierre Bourdieu, permeates the plot, through the various attempts to modify the different pig. The present work points to the problems that society presents in accepting the difference. On the other hand, there is also the incorporation of this exclusion as legitimate by the disabled. The consequences are social discrimination and the denial of disability by those born different.

KEYWORDS: *The little pig with the taut tail*; Rubem Alves; Deficiency; Preconception.

Introdução

A literatura, uma arte que difunde mensagens e visões de mundo, leva ao encantamento, mas também pode levar à reflexão e à crítica. Pode disseminar valores, normas, atitudes, e também preconceitos que são ideologicamente significados e construídos no tocante à diferença percebida nos sujeitos. Desta forma, não podemos entender a literatura como ideologicamente neutra e os romances que versam sobre deficiência também podem estar eivados de preconceito, discriminação ou também apresentarem personagens que vão superar os estigmas.

¹ Versão preliminar apresentado em Comunicação oral no II Seminário Minas: diálogos literários, realizado na Universidade Vale do Rio Verde em Três Corações, de 07 a 08 de junho de 2018.

² Doutora em Ciências Sociais (PUC/SP); Docente do Programa de Mestrado em Letras –Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: terezinha@unincor.edu.br. Link de acesso ao lattes atualizado: <http://lattes.cnpq.br/9610707436484070>

Novos valores podem ser semeados e o respeito ao diferente propagado, já que entender que alguém não deve ser discriminado por possuir corpo deformado ou deficiência intelectual leva à disseminação da cultura da tolerância e da aceitação do outro.

Valorizar a interface literatura e deficiência abre um espaço importante de discussão, já que, através dos enredos, é possível atingir racionalmente e sensibilizar através da emoção. Através do imaginário, é fundamental que romances falem de raízes culturais, que levem à reflexão, ao debate e à crítica sobre os preconceitos existentes. É este o intuito deste estudo. Por isso, acompanhemos a saga da Porquinha Lili.

Pensando a diferença a partir do olhar do outro

A inclusão do deficiente tem sido discutida em todos os espaços sociais. Por isso, a literatura não pode passar à margem dessa temática. Mesmo que a literatura não tenha como propósito ser o reflexo da realidade, pode ajudar a explicar, desmistificar, repensar padrões, ilustrar os fatos através de elementos na narrativa que ajudam a visualizar o que acontece no cotidiano. Desta forma, revela-se a importância de os romances trabalharem a questão da diferença nos enredos, apresentando diversas formas possíveis da existência humana.

Antonio Candido reforça a importância do aspecto social na obra literária:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (CANDIDO, 2006, p. 30).

O romance, ao apresentar comportamentos dos personagens que rejeitam os deficientes, assim como o sentimento de incompletude vivenciada por quem é diferente sinaliza para o preconceito presente na sociedade.

Para entender por que isso acontece apropriamo-nos do conceito de violência simbólica, proposto por Pierre Bourdieu. Segundo o autor, a violência simbólica aparece nos modos de socialização. É exercida sem coação física, mas carrega consequências psicológicas e morais:

Ora, longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas [...] elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os

homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 2002, p. 46)

A violência simbólica é permeada por símbolos e significados recebidos do meio no qual o sujeito está inserido. Por isso, é uma arbitrariedade cultural que aparece em discursos que rotulam ou em atitudes discriminatórias que levam as pessoas a pensarem e a agirem de determinada maneira, como se existisse uma forma correta de ser. Desta forma, as pessoas deficientes sofrem por uma condição inerente a elas.

A violência simbólica impõe significados que se legitimam ao ocultar as forças que os sustentam. As relações de força, os indivíduos ou as instituições nela envolvidos (sejam causadores de dominação ou vítimas) acabam por não se darem conta de que atuam no sentido de perpetuá-la (BOURDIEU; PASSERON, 1975). Neste sentido, tanto quem exclui quanto quem é excluído incorpora os significados relacionados a essas relações de poder, sem se dar conta, conscientemente. Por isso que o enfrentamento da violência simbólica é difícil porque passa de forma despercebida por todos os envolvidos.

É importante salientar que o fato de as vítimas da violência simbólica participarem dela, incorporando significados, não lhes imprime culpa por sua submissão. Trata-se apenas de se dizer que elas se apropriam, assim como os grupos dominantes, desses significados ideológicos que se pretendem a-históricos e que são incorporados por diversas ações que compõem o *habitus*³ da própria existência de cada um. Compreende-se, assim, que todos contribuem para a sustentação do *status quo*. Enfrentar a complexa temática da violência contra pessoas com deficiência exige esse reconhecimento e os desafios que dele advêm. (WANDERER, 2012).

Quanto à literatura infanto-juvenil, há histórias denunciadoras, mas também enredos que eternizam os preconceitos, estereótipos ou estigmas. Como afirma Amaral, na tese de doutorado *Espelho Convexo: O corpo desviante no imaginário coletivo pela voz da Literatura Infanto-Juvenil*:

[...] a literatura está repleta de armadilhas traiçoeiras enredando o deficiente, o diferente, em malhas maniqueístas de bondade e maldade, virtude e pecado, santidade e malícia, feiúra e beleza... Ou o mutilado é bom, sábio, virtuoso, heróico - e com isso neutraliza-se, compensa-se, a deficiência; ou é cruel, malicioso, covarde, objeto - e com isso estigmatiza-se a diferença. O folclore também não é imune a esse viés, exemplos disso são os gênios

³ Para Bourdieu *habitus* é uma matriz, determinada pela posição social do indivíduo na estrutura social que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações.

silvestres: saci-pererê e curupira - maliciosos, hostis, porta-vozes de desgraças e enredamentos - mutilados ambos. (AMARAL, 1992, p. 33).

Outra questão importante apresentada por Amaral (1992) é que, neste contexto, são poucas as personagens humanas. Mas por que representar a deficiência através dos animais? A maioria é representada por animais porque é uma forma mais fácil de falar sobre os estigmas sociais sem ser mais preconceituoso ainda. O assunto já remete para a dificuldade que existe em lidar com a temática. Parece que, ao falar claramente da pessoa com deficiência, pode-se construir um discurso preconceituoso, na medida em que surgem dificuldades para encontrar as palavras mais apropriadas para nomear as deficiências.

O romance é uma produção cultural que pode questionar valores, espaços e posições em um mundo em que o diferente sofre com estereótipos, cerceamento dos direitos e injustiças. Então, falar através dos animais parece ser mais fácil. Como os animais têm um apelo social importante, já que muitos gostam e têm animais de estimação em casa, a proximidade faz com que a temática atinja o objetivo de sensibilizar para as dificuldades do outro.

Rubem Alves também escolheu um animal para falar das diferenças. No romance *A porquinha de rabo esticadinho*, o autor apresenta uma manada de porcos cujos integrantes nasceram todos iguais, exceto Lili. Ao invés de ter o rabo enrolado, o dela era esticado. Mas essa diferença não era percebida pelos porquinhos por ocasião do nascimento, já que a percepção da diferença nos é dada pelo outro.

Iguaizinhos. Bem, nem todos. O burro, discreto observador, notou que na fileira de rabinhos enrolados como mola havia um esticado como um prego. Os porquinhos, é claro, não se davam conta disso. Eram só boca; só lhes interessava mamar. Além do que seus olhinhos ainda estavam fechados. Não podiam nem comparar e nem perceber as diferenças. Eram todos felizes. (ALVES, 2001, p. 9)

A observação da diferença veio de fora: do burro que já conhecia o que era considerado natural na manada. A identidade acontece em contato com o outro. O outro vai apresentar o que é normal e o que é discrepante. Por isso que no processo de subjetivação o processo de alteridade é importante para formar a imagem.

A construção da identidade é fundamental para entendermos como nos tornamos seres sociais, nosso sentimento de pertencimento. A formação do eu é intrinsecamente dependente da relação com o outro. Por isso que a identidade é construção histórico-cultural mediada pela questão discursiva e por relações de poder.

Assim, a porquinha de rabo esticadinho vai tomar consciência do seu eu em contato com o burro e, especialmente, com os outros porcos que estavam no chiqueiro. A diferença surge a partir da relação estabelecida pelos porcos. As interações realizadas e as relações estabelecidas influenciaram na constituição dos sujeitos no mundo:

Mas o tempo passou. Os olhinhos se abriram. E aconteceu que, certo dia, um deles se deu conta daquilo que o burro percebera.
-Vejam só-disse ele espantado-, Lili é diferente. Nós temos rabos enroladinhos. Ela tem rabo esticadinho. (ALVES, 2001, p. 9)

Para Silva, na obra *A Produção social da identidade e da diferença*, os sistemas classificatórios utilizam-se de oposições binárias para classificar e marcar a diferença. Para ele, classificar é “[...] um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes [...] as classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade” (SILVA, 2000, p. 82).

No enredo do romance em análise, o rabo esticado aparecia como uma diferença negativa quando comparada com o padrão socialmente construído naquele grupo: o rabo enrolado. Por isso, o porquinho foi estigmatizado, já que possuía o rabo esticado. A estrutura social mais ampla é que oferece, aos indivíduos, positiva ou negativamente, os padrões de identidade que são valorizados.

No texto ficcional em pauta, destaca-se o seguinte trecho que ilustra essa questão: “Se os rabos enrolados são melhores que os esticados, isso é assunto que ninguém discutiu. A única coisa que importava era que havia oito iguais e um diferente. E, de repente, havia oito pares de olhos olhando o rabinho de Lili.” (ALVES, 2001, p. 9).

O olhar do outro serve como parâmetro para olhar para o nosso próprio corpo. Quando o outro olha com estranheza, com menosprezo para o corpo deficiente diante das suas diferenças ou limitações a sensação de incompletude vem à tona, já que o padrão é o corpo saudável, belo e forte. (RICHARTZ, 2017). O diferente sente-se incomodado porque, de alguma forma, é rejeitado: “E isto doeu muito, porque todos queremos ser iguais: falamos coisas parecidas, rimos risos parecidos, comemos coisas parecidas, vestimos roupas parecidas. E gostamos de pertencer a grupos de pessoas que se parecem: clubes, torcidas de futebol, igrejas, escolas [...]” (ALVES, 2001, p. 10).

Quando Lili percebeu que era diferente, sentiu vergonha e raiva. Isolou-se por conta da não aceitação do seu corpo deficiente e começou a sofrer por causa disso: “Quem não pertence ao bando dos iguais fica fora. E quem fica fora tem vergonha. Se esconde. Lili ficou

assim. Não queria mais brincar. Ficava sozinha, em casa, assentada sobre o rabinho, pensando no rabinho, com raiva do rabinho” (ALVES, 2001, p. 10).

Sentir raiva e vergonha do corpo é um dos problemas observados e que a porquinha também retrata. A outra questão é a invisibilidade, já que muitos familiares escondem os filhos deficientes por vergonha ou por precaução.

Ciampa, no livro *A Estória do Severino e a história da Severina*, afirma que a identidade “[...] é a articulação da diferença e da igualdade” (1987, p. 138). Desta forma, o outro tem papel crucial na construção da identidade, porque a influência acontece a partir daquilo que a sociedade convencionou como legítimo ou não. O outro designa o eu, a identidade do sujeito é também “determinada pelo que não é ele, pelo que o nega” (CIAMPA, 1987, p. 137).

A diferença é fundamental na constituição da identidade, especialmente se for percebida como uma ruptura das expectativas normativas a partir das quais os grupos apontam o comum, aceitável e esperado. Nesta perspectiva, o deficiente acaba incorporando o ponto de vista dos normais. No romance, o normal eram os porquinhos de rabo enroladinho. Nascer com o rabo esticado fere o estereótipo grupal e, por isso, vai acarretar preconceito e discriminação.

Como a estereotipia é produto das relações sociais, causa distorções a respeito dos outros. Certos padrões e comportamentos são crenças generalizadas que colocam como naturais certos atributos e, a partir disso, começa-se a avaliar todos da mesma forma. Partindo do pressuposto de que o rabo enrolado é natural e o esticado é anormal e discrepante, aquele que não é “perfeito” como os outros porcos, acaba sendo discriminado e isolado por ser rotulado como incompleto, imperfeito. Isto acaba legitimando formas de dominação do grupo majoritário sobre os grupos minoritários ou sobre indivíduos diferentes.

A identidade constitui-se a partir das narrativas e dos discursos dos grupos que, na sua grande maioria, são construídos a partir de quem é “normal” e não enfrenta, cotidianamente, as dificuldades inerentes à condição de deficiente. O texto em questão retrata isso.

O relato a partir da “subjetividade da ausência” (RICHARTZ, 2017) é um desafio para quem, historicamente, ficou quase o tempo inteiro alijado da participação social. O desafio é criar um discurso a partir da subjetividade de quem fala do lugar da exclusão social, do preconceito, da dificuldade de locomoção e da inserção social.

Os estereótipos do que é ser um suíno normal contribuem para a identificação do porco e por isso que Lili também se considera anormal. Daí advém a luta da protagonista em se igualar aos demais. Começa a pedir aos céus um milagre para ficar igual aos irmãos. De noite rezava: “—Papai do céu, me dá um rabinho enroladinho... Mas parece que papai do céu pertencia ao time dos oito, porque nada fazia para ajudar Lili” (ALVES, 2001, p. 10).

A família, na figura da mãe, entra em cena quando a porquinha reclama da sua condição: “— Eu... eu queria ter um rabinho enroladinho, ser como os outros — ela soluçou. — para que serve um rabo enroladinho? — lhe perguntou a mãe” (ALVES, 2001, p. 11).

A mãe, mesmo tentando amenizar o sofrimento, ao procurar não dar importância ao rabo esticado, cede diante dos argumentos da filha: “— Serve para ser olhado e pros outros dizerem que é igual — ela respondeu” (ALVES, 2001, p. 11).

O ser olhado é ser percebido, valorizado, aceito e reforçado pela protagonista. A igualdade é que é destacada. Como as mães também são formatadas dentro deste caldo cultural que tem dificuldade de aceitar a diferença, a mãe da porquinha tratou de buscar alternativas que foram colocadas em prática na sequência apresentada a seguir: mudou hábitos alimentares: “E Lili passou a comer broto de samambaia, molinha de chuchuzeiro, rodela de cebola, e se os carocóis não tivessem fugido, teriam sido transformados em sopa” (ALVES, 2001, p. 11).

Mas, como a comida não surtiu efeito, em seguida, a mãe apelou para as simpatias das comadres, que prometiam enrolar o rabo: “[...] besuntar o rabo com suco de cipó misturado com banha de sucuri derretida, enrolado em pau torto e amarrado com barbante trançado” (ALVES, 2001, p. 12).

A mãe seguiu à risca a receita para dar jeito no rabo esticado:

— O que faz efeito — elas disseram — são as voltas do cipó, o enrolado da sucuri, as curvas do pau, as tranças do barbante. Apertada em tanto enrolo, não há coisa reta que resista...

E assim fizeram. Por oito dias, porque “8” é o número mais cheio de curvas. Na hora de se cortar o barbante, “6” da tarde, porque “6” se parece com rabo de porco enrolado, visto por trás, foi aquela “torcida” (“torcida” também era importante, por ajudar a torcer). Todo mundo na expectativa. E foi o triunfo: o rabinho ficou enroladinho. Só que ninguém sabia que era porque a banha da sucuri ainda estava dura. (ALVES, 2001, p. 12)

Depois que a banha derreteu, o rabo esticou novamente. Na sequência, a mãe apelou para a ciência, já que o conhecimento científico costuma não falhar:

Se existe um meio técnico para se enrolar cabelo que nasceu reto, porque não se poderá fazer a mesma coisa com um rabinho de porco? No dia seguinte, mãe e filha foram as primeiras no salão do cabeleireiro. — Uma permanente no rabinho de Lili — disse D. Gertrudes, decidida. [...] O resultado foi um espanto: rabo encrespado, enrolado, meio assado... (ALVES, 2001, p. 13).

Mas durou pouco já que, ao brincar numa poça de água, o permanente desmanchou.

A angústia das mães com filhos deficientes é enorme. Muitas abrem mão dos seus sonhos e desejos e vivem em função da busca da cura da deficiência. Qualquer possibilidade real de cura que aparece ou de melhoria da qualidade de vida do filho lhes imprime esperança. Entretanto, embora a família seja vítima, também faz parte da gênese onde a violência simbólica é exercida. Por isso, especialmente as mães, já que muitos pais são omissos no cuidado da prole, apresentam sentimentos de fracasso, frustração, solidão, fragilidade, confusão, tristeza, culpa e cansaço. São privadas do lazer e da vida social para cuidar dos filhos. (OLIVEIRA; POLETTTO, 2015).

Assim, no enredo do romance de Rubem Alves, a mãe porca, depois de todas as tentativas frustradas, não desanimou e procurou a Arara que filosofou o que a maioria dos que não têm corpo deficiente acredita:

O que importa — ela dizia — são os pensamentos positivos. Os pensamentos positivos têm força. Portanto — concluiu — se Lili tiver **força de vontade** (isto é muito importante!) e diariamente só pensar no seu rabo enrolado, ele acabará por obedecer aquilo que a cabeça manda. (ALVES, 2001, p. 15, grifo nosso).

A deficiência passa a ser “culpa” de Lili, já que ela não tem “força de vontade” para melhorar. O sentimento de culpa é comum nos deficientes e nos seus familiares. Ambos pensam que a deficiência origina-se do fato de terem feito alguma coisa errada ou de terem deixado de fazer alguma coisa. Até a questão do pecado aparece, muitas vezes, no discurso social: relaciona-se a deformidade com uma punição divina. A culpa, aliás, tem registro bíblico. Entre outras, cita-se uma passagem, no Evangelho de João (jo. 9.1-3), quando, diante de um homem com cegueira congênita, os discípulos perguntam a Jesus Cristo: “Mestre, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?” (BIBLIA, 1994).

Como a deficiência é algo inerente ao corpo, à condição física ou intelectual da pessoa, as investidas para “curar” a deficiência são muitas. Elas se materializam nos esforços pessoais, em longos tratamentos com equipe profissional competente e até mesmo na busca por intervenção divina, através de um milagre. Todas elas foram tentadas sem sucesso pela

porquinha. Por isso, os sentimentos de desolação e desânimo tomam conta da personagem, já que esta não aceitava a sua condição. Mas, por sorte, chegou à cidade um circo que procurava novos artistas e anuncia: “— Respeitável público! Nosso circo está à procura de dois jovens que desejem se tornar artistas, e estejam prontos a correr o mundo para fazer as pessoas felizes. Amanhã, bem de manhã, entrevistarei os candidatos desta fazenda, se houver...” (ALVES, 2001, p. 18).

O circo queria artistas capazes de fazer as pessoas felizes. Lili nem se candidatou, já que sua autoestima estava tão abalada que achava que era incapaz de fazer qualquer coisa.

Assim, o representante do circo logo selecionou um porco com rabo enrolado para ser palhaço e fazer todos darem risadas. “É este o primeiro escolhido. Perfeito para um palhacinho. Este rabinho enrolado fará todos darem risadas” (ALVES, 2001, p. 19).

Mas procurava um outro artista para ser trapezista e, nesta função, as características deviam ser outras, conforme especificação a seguir:

Os trapezistas vivem sobre o perigo, sabem que a vida não é palhaçada engraçada, nem tudo é riso. Nunca olham para o próprio rabo, atrás, mas sempre para frente. Quem olha para trás cai sobre o abismo e morre... Eles têm um rosto diferente, um sorriso que não é risada, misturada com um pouquinho de tristeza. E é por isso que os outros os amam de um jeito diferente: eles riem do palhaço, mas voam com o trapezista. Um trapezista a gente conhece pelo jeito de olhar ... (ALVES, 2001, p. 20)

Lili sentiu vontade de ser trapezista, mas permaneceu longe. A personagem ficou afastada porque a violência simbólica sofrida através dos olhares discriminatórios diminuiu a capacidade competitiva. O deficiente muitas vezes se acha menos capaz do que realmente é.

O dono do circo olhava ao redor, procurando. E seus olhos se encontraram com os de Lili.

— Menina, venha cá. Que é que você tem nos olhos? Parecem olhos de trapezista. Você não gostaria?

— Mas... o meu rabinho — ela disse quase pedindo desculpas.

— Quem se interessa por isso? Quem tem rabo enroladinho passa o tempo todo olhando ou para trás ou para o espelho. Mas quem não tem olha para frente, para cima, para o vazio. E é isso que torna belas as pessoas: não o que elas têm sobre a pele, mas o que têm dentro dos olhos... Lili sorriu e disse que sim. Transformou-se na trapezista de olhos tristes, que todos amavam. E nunca mais se preocupou com o seu rabinho. (ALVES, 2001, p. 21)

O rabinho não ficou mais em evidência no trapézio, mas a tristeza, já internalizada pela vida sofrida, foi o sentimento que o público apreciava. Neste sentido, de acordo com Amaral (1992), o olhar do outro tem a capacidade de marcar quem tem uma diferença e os personagens diferentes / deficientes são construídos, normalmente, dentro de três vertentes: de

vítima, herói e vilão. Na primeira, o personagem apresenta sentimentos como tristeza, desgosto, solidão, conformismo, desamparo e desesperança; o herói aparece com alta competência intelectual, extrema sensibilidade, coragem exacerbada e talentos especiais; e, por fim, a imagem do vilão traduz atitudes e ações condenáveis, tais como intolerância e agressividade.

No romance analisado é a imagem de vítima que a protagonista assume. Aliás, esta é a imagem mais comum apresentada pelos deficientes, já que, através da violência simbólica, estes são considerados menos capazes e acreditam que as limitações os impedem de serem produtivos. Assim, como o circo estava atrás de um personagem com imagem de vítima, já que a tristeza era um sentimento que devia estar no trapezista, a porquinha foi contratada para o cargo.

Apesar de o texto evidenciar as dificuldades da personagem ser aceita pelos outros e a luta interna para também se aceitar dentro dessa condição, Lili acaba sendo contratada para trabalhar, mas o que é destacada é a tristeza no olhar, a vitimização aceita pela protagonista, já que o deficiente, pela sua condição, não é capaz de fazer os outros sorrirem.

Modificar a diferença é perder a oportunidade de desenvolver talentos diferentes. Paradoxalmente, a sociedade é preconceituosa com quem é discrepante, mas, ao mesmo tempo, hoje, o mercado de trabalho valoriza a singularidade. Quem tem uma habilidade que é igual à da maioria acaba tendo dificuldades no mercado; já quem tem uma habilidade rara acaba sendo valorizado. O problema é que a maioria das pessoas que nasce com deficiência, de tão estigmatizada que é, acaba anulando toda sua potencialidade.

É necessário discutir as dificuldades em ser deficiente e a violência sofrida verbal, psicológica e simbolicamente, porque o silêncio perpetua a negação de seus direitos como cidadãos. Por isso, é necessário visualizar situações que permitam dialogar e se preocupar com a falsa ideia de igualdade mistificada em relações sociais que ainda negam e desrespeitam o diferente.

Conclusão

A literatura infanto-juvenil influencia no imaginário coletivo e tem oportunizado representações a respeito da diferença. Essas representações, no entanto, podem assegurar a manutenção de ações preconceituosas, desconsiderando a diversidade e levando ao

fortalecimento de estigmas. Por outro lado, podem diminuir o preconceito e transgredir a ordem imposta. Mesmo que a literatura não tenha como propósito ser o reflexo da realidade, ajuda a explicar e não apenas ilustrar os fatos: apresenta elementos na narrativa que ajudam a visualizar o que acontece no cotidiano.

Através da história de *A porquinha de rabo esticadinho*, de Rubem Alves, foi possível acompanhar a trajetória de quem vive a experiência de ser deficiente. Os diversos agentes sociais tiveram posturas muitas vezes antagônicas, já que, em algumas situações, acolhiam o deficiente e, em outras, o excluía. Esta postura paradoxal é própria de uma sociedade que ainda é preconceituosa, que vitimiza o deficiente. No contexto do romance em análise, a vitimização e o preconceito são evidenciados através do sentimento de tristeza, atribuído ao deficiente: como se, para este, a alegria não fosse possível.

Rubem Alves traz a problemática da deficiência denunciando o preconceito representado no espanto do cavalo e dos outros porcos. No entanto, paradoxalmente, insere a postura da mãe, apenas inicialmente positiva, pois, num primeiro momento, tenta convencer a filha que não tem problema em ser diferente. Entretanto, a atitude materna em relação à filha deficiente irá perpetuar os estigmas, na medida em que se investe numa procura enfática de encontrar formas de “curar” a deficiência e, com isso, reinserir a porquinha sem dificuldades no grupo. No limite, o problema está com o deficiente que precisa buscar alternativas para conseguir ser normal. Como todas as tentativas foram frustradas, já que a deficiência é constitutiva do seu corpo, o jeito foi prosseguir a vida.

Esta postura ambígua da mãe aponta para a dificuldade da própria família em orientar os filhos deficientes diante de uma sociedade altamente preconceituosa. A maioria dos familiares busca de todas as formas “curar” a deficiência.

É no desfecho do enredo que Lili se encontra. Mas novamente é destacada a tristeza como elemento constituinte dos deficientes. Será que deficiente não pode ser alegre? Não pode fazer ninguém sorrir? O peso do estigma continua presente nas representações coletivas do que é o corpo sadio desejável. Lili assume um lugar como sujeito social. É inserida no mercado de trabalho, mas é contratada pelo estigma que carrega no olhar por ser deficiente: a tristeza em não ter um corpo perfeito.

A personagem encontrou uma forma de ser produtiva, mas, ainda assim, apontando para o peso que a deficiência tem na sua vida. Não pode olhar para o rabo que é diferente.

Deve olhar para a frente para não despencar no picadeiro. Em outras palavras, nega-se a deficiência já que ela impede o indivíduo de ser como os outros.

A violência simbólica presente neste olhar para o deficiente, visto como “coitado”, contribui para dificultar a aceitação da diferença numa sociedade marcada por estigmas e preconceitos. O próprio deficiente, através da violência simbólica sofrida, acaba concordando que é menos capaz e só faz aquilo que os outros não querem fazer.

É importante salientar que o padrão de normalidade introjetado através da violência simbólica, presente nas práticas sociais sedimentadas, fez a protagonista não olhar para o rabo deficiente, para assumir sua condição. No limite, ainda temos dificuldade de aceitar e de nos aceitarmos como realmente somos.

Duas questões paradoxais devem ser destacadas: Rubem Alves trouxe para o enredo do romance as agruras de quem nasce com deficiência, na personagem porquinha Lili e, por isso, deve ser valorizado, já que enredos com essa temática são escassos. Por outro lado, ao invés de a protagonista se destacar pelas qualidades que tinha, vai ter sucesso no circo pela tristeza que transparecia no olhar. Desta forma, o enredo reforça o estigma que os deficientes já têm de serem infelizes porque nasceram com “defeito” e que devem fazer aquilo que os normais não têm vontade de realizar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *A porquinha de rabinho esticadinho*. 9ª Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.
- AMARAL, L. A. *Espelho Convexo: O corpo desviante no imaginário coletivo pela voz da Literatura Infanto-Juvenil*. 1992. 441f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia sagrada*. Edição contemporânea. Trad. João Ferreira de Almeida. Flórida: Vida, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves 1975.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Beertrand Brasil, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9ª Ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Ouro sobre Azul, 2006. p. 13-50.
- CIAMPA, A. *A Estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- OLIVEIRA, Isaura Gisele de; POLETTO, Michele. Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência. *Rev. SPAGESP*, v.16, n.2, p. 102-119, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200009>. Acesso em: 20 maio 2018.

RICHARTZ, Terezinha. O discurso da deficiência como “subjetividade da ausência”. Ética, política, religião. In: AZEVEDO, Marco Antonio et al (Org.). *Ética, política, religião*. São Paulo: ANPOF, 2017. 552 p. (Coleção XVII Encontro ANPOF). P. 109-120. ISBN 978-85-88072-47-3.

Disponível em: <<http://www.anpof.org/portal/images/eticapoliticaereligiao2-5-2018.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2018.

SILVA, T. T. A Produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000. p.73-102.

WANDERER, Aline. *Violência intrafamiliar contra pessoas com deficiência: discutindo vulnerabilidade, exclusão social e as contribuições da psicologia*. Brasília: UNB, 2012.

Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12363/1/2012_AlineWanderer.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.

Artigo aceito em abril de 2018.